Estratégia Concursos

Aula 00 - Somente em PDF

PM-CE - História do Ceará - 2021 - Pós-Edital

Autor:
Sergio Henrique

06 de Agosto de 2021

SUMÁRIO

00. Bate Papo Inicial 2
01. A Região Nordeste 3
2. A Colonização do Nordeste 5
2.1. Motivos da Colonização 5
2.2. A Guerra contra "Os Bárbaros". 6
2.3. A lavoura açucareira e a mão de obra escrava. por que a cana? 8
3. A Escravidão e o Comércio Atlântico 10
4. As Capitanias Hereditárias 11
4.1. Documentos Jurídicos. 12
5. As Invasões Estrangeiras (Franceses e Holandeses). 13
5.1 As Invasões Francesas. 13
5.2. Invasão Holandesa (1630-1654) 14
5.2.1. O Governo de Maurício de Nassau. 14
5.2.2. A expulsão dos holandeses e a decadência do açúcar. 14
6. Fatores de Ocupação do Território: Jesuítas, Pecuária e Bandeirantismo. 16
6.1. Os Padres Jesuítas 16
6.2. A Pecuária: 16
6.3. O Bandeirantismo: 16
7. História da Ceará Colonial. 18
8. A Guerra contra os Bárbaros no Ceará. 21
9. A presença Holandesa no Ceará 22
10. O Povoamento efetivo e tardio: A Pecuária e a Igreja. 23
10.1. Mineração e o Gado: relação das Minas com o Ceará 28
11. Exercícios 30
12. Considerações Finais 43

00. Bate Papo Inicial

Olá, querido amigo concurseiro. Está tentando ingressar no serviço público, uma área que atrai por várias razões: Tanto pela estabilidade e possibilidades de progressão na carreira quanto pelo viés cidadão de ocupar uma vaga de um cargo importante para a sociedade. São várias as motivações pelas quais você está tentando. Um salário melhor, estabilidade para cuidar da família... Enfim. São muitas coisas. E elas devem te acompanhar a todo o momento em sua preparação. Onde você encontrará motivação nas horas mais difíceis, quando até mesmo podemos ter a ideia absurda de desistir. A motivação é o combustível necessário para a sua preparação. Motivação associada à disciplina de estudos é a chave do sucesso. **Motivação, Disciplina e Estratégia**. É o tripé do sucesso e estou aqui, com a equipe **Estratégia Concursos,** para levá-lo ao sucesso e fazer com que você alcance os seus objetivos. Vamos logo, pois não temos tempo a perder. Nosso tempo é valioso. Mas fique tranquilo. O nosso conteúdo tem uma quantidade razoável de assuntos, que são distribuídos em um bom número de aulas, portanto, conseguiremos estudar tudo, bem detalhadamente, então, pode conter a ansiedade. Tudo vai correr bem e foi devidamente distribuído para que você possa alcançar seu almejado sucesso. Leia e releia suas aulas. Faça e refaça seus exercícios. A repetição é a mãe do aprendizado. A memorização deve vir da repetição dos exercícios e do acúmulo das leituras. É a melhor forma de memorizar o conteúdo. Aos poucos e, por meio da repetição. Caso você já domine o conteúdo teórico, pode concentrar-se na resolução de exercícios. Para avaliações que demandam resultado, a prática de questões é imprescindível e, se tiver que priorizar alguma atividade, que seja a resolução e o estudo dos exercícios, mas lembre-se do seguinte: o ideal é um ciclo completo: Leitura da teoria e prática dos exercícios. Vamos lá, é um convite para os estudos!

01. A Região Nordeste

A região nordeste é formada pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia. A região possui os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo do país. Atualmente, a porcentagem de analfabetos gira em torno de 15% da população, a maior entre as regiões brasileiras, bem como a maior mortalidade infantil, que, apesar de ter diminuído na última década de 34,5 para 33 por mil nascidos vivos até o 1 ano, ainda é uma alta mortalidade infantil, o que denota imediatamente as condições de vida precárias em que vive parte da população, sobretudo no sertão. Ocorreram avanços econômicos e sociais na última década com o desenvolvimento da indústria na Mata e a diminuição da desnutrição, mas, ainda, por exemplo, somente 48% dos municípios nordestinos são servidos por rede de esgoto canalizada, índice pior que o da região norte.

No primeiro censo demográfico feito no Brasil em 1872 – encomendado por D. Pedro II, o nordeste era a região mais populosa do país, com cerca de 4,6 milhões de habitantes (46% da população brasileira). No censo seguinte, que só ocorreu em 1890, já foi superado pelo sudeste, situação mantida até hoje. O ciclo do café e a modernização com a implantação de ferrovias e a imigração europeia desenvolveram o sudeste, que se tornou área de atração de imigrantes tanto nacionais quanto estrangeiros. No final do século XX, ocorreu o ciclo da borracha na Amazônia e isso atraiu milhares de nordestinos. Ocorreram dois ciclos da borracha: na virada do século XIX para o XX e durante a segunda guerra mundial; importante ressaltar que, nos dois contextos, a migração de nordestinos foi intensa. A partir da década de 60, os fluxos migratórios se direcionaram para o Centro Oeste, devido à construção de Brasília, e para o Sudeste, em razão de seu desenvolvimento econômico.

A Região nordeste possui a segunda maior população regional do país, que é quase o dobro da população da região sul, somada à do Centro Oeste e Norte. O que isso significa? Que a região é bastante populosa e povoada (com concentração de pessoas na Zona da Mata e no Agreste). Apesar disso, ao longo da segunda metade do século XX a participação da região no PIB nacional foi muito pequena e a pobreza e as grandes desigualdades sociais fizeram com que a região tivesse um histórico de fluxos migratórios para as áreas com novas frentes econômicas e a maior oferta de emprego e renda. Além disso, há migrações motivadas por longos períodos de seca. Vale destacar que, atualmente, o IBGE tem indicado um aumento na imigração de retorno, principalmente vinda do sudeste.

A população e as cidades concentram-se no litoral e isso confere um alto potencial turístico devido às belas paisagens naturais, e pelos monumentos históricos, pois o Brasil foi formado a partir do nordeste. Destacam-se as festas populares, lembrando que a diversidade de manifestações festivas é muito grande e profundamente influenciada pela cultura africana.

A população urbana (residente nas cidades) já é maior que 75%, mas é a taxa de população urbana das regiões brasileiras, no entanto, é a região com maior número de municípios. A

economia vem apresentando crescimento, sobretudo na zona da Mata, em que a indústria tem se desenvolvido bastante, e, se pensarmos o conjunto nordestino, temos uma grande produção automobilística, petrolífera e também um expressivo crescimento na área da informática. A principal razão para isso é o que chamamos de Guerra fiscal, ou seja, a disputa entre os estados brasileiros para atrair investimentos por meio de incentivos como oferecimento de infraestrutura, mão de obra barata e baixos impostos. Também a realização de grandes obras de engenharia civil, como a transposição do Rio São Francisco, cujo eixo leste foi transposto para o rio Paraíba.

O nordeste é dividido em sub-regiões, como podemos ver abaixo:

Divisão sub-regional do nordeste.

ESQUEMATIZANDO

Agora vou convidá-los a iniciar os estudos históricos do Ceará. Para tanto vou dar uma dica e orientarei o conteúdo da seguinte forma: vamos inicialmente falar dos aspectos gerais da colonização do nordeste e em seguida um tópico para focarmos apenas na realidade cearense. Porque tomar este caminho? Por uma razão bem simples: A maior parte das questões de concursos regionais exige conhecimento de dados locais bastante específicos, mas também exige que o candidato domine o conteúdo histórico e o contexto da época. Se você já conhece bem a história do Brasil Colonial, pode ir direto para o tópico da História do Ceará e exercícios.

2. A Colonização do Nordeste

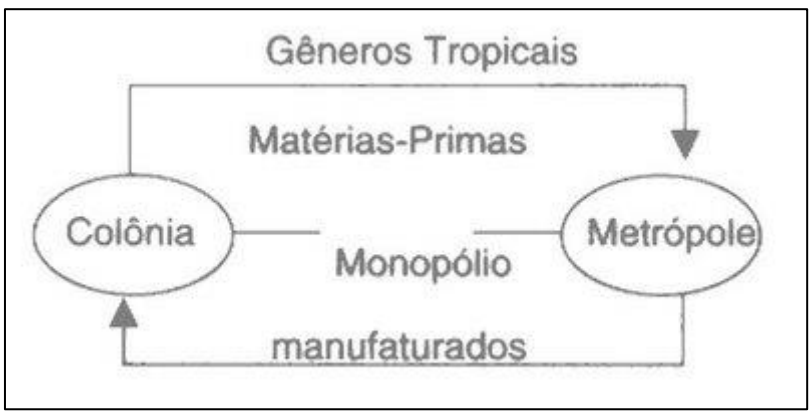
2.1. Motivos da Colonização

A decisão de povoar o Brasil foi tomada em 1530, pois o rei resolveu mandar uma expedição com este objetivo. **Martim Afonso de Souza**, nomeado comandante da expedição, partiu para o Brasil naquele ano. Percorreu e explorou o litoral, promovendo também incursões de reconhecimento pelo interior. Aqui permaneceu até 1533. Fundou a primeira cidade (a primeira **oficialmente** fundada) São Vicente e montou o primeiro engenho de açúcar do Brasil.

A colonização do Brasil ocorreu quase que acidentalmente. Mais precisamente às pressas e sem um projeto definido de exploração e ocupação. Dois motivos, basicamente, que levaram a coroa portuguesa a colonizar o nosso território foram os seguintes:

- ✓ **O comércio de especiarias com o oriente** estava em decadência (devido ao aumento da concorrência internacional e à diminuição do preço dos produtos devido à maior oferta); e

- ✓ **A ameaça estrangeira** cada vez maior, o que, de fato, impeliu Portugal à colonização. Éramos uma colônia de exploração, ou seja, estávamos sujeitos a uma relação de exploração de nossos recursos e dependência legal (uma colônia não possui autonomia. É administrada pela metrópole) expressos no pacto colonial.



Pacto ou Exclusivo Colonial.

Contexto econômico:

- ✓ **Mercantilismo:** lembre-se das características do mercantilismo: intervenção do Estado na economia, metalismo, busca de superávit (balança comercial favorável), colonialismo.

Esclarecendo

Déficit: quando o total de importações supera o total de exportações.

Superávit: quando o total de exportações supera o total de importações.

No início da colonização, foi criado o sistema de capitanias, que não se mostrou eficiente. Entre as razões que não deram certo foi a grande resistência dos indígenas. Veremos mais detalhes sobre a organização e o funcionamento político da capitania de Pernambuco, mas agora é importante lembrarmos que quando foi fundado, o território abrangia quase todo o nordeste setentrional (norte do nordeste). Os atuais territórios dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

2.2. A Guerra contra "Os Bárbaros".

Colonizar o Brasil foi missão das mais difíceis. A coroa portuguesa não tinha recursos para o projeto e o transferiu para a iniciativa privada: por meio do sistema de capitanias e da produção de cana de açúcar. As primeiras expedições que chegaram aqui passaram por muitas dificuldades, entre elas, se não a maior, a resistência dos indígenas à colonização portuguesa. Os indígenas possuíam uma cultura de guerreiros, e a maior parte dos contatos com os europeus foi conflituoso. Em muitas áreas do litoral nordestino, na zona da mata, os colonos portugueses travaram guerras contra as tribos locais.

Nas primeiras décadas da colonização, até o do século XVII, os conflitos com os indígenas ficaram conhecidos como "guerra contra os bárbaros". Os conflitos começaram com o início da colonização. Os primeiros contatos foram pacíficos e os indígenas não foram escravizados. Eram explorados por meio do **escambo** e do **cunhadismo**. Quando Portugal decidiu pela colonização, as visões sobre o índio mudaram: inicialmente eram descritos como inocentes e bons. A partir de 1530, são descritos como "bárbaros", violentos, sem religião e com práticas abomináveis como a antropofagia (que, para o índio, tinha um significado simbólico). Quero que você perceba como a palavra "bárbaro" é preconceituosa. Passa uma profunda impressão de desprezo e de inferioridade. Podemos dizer que o português tinha uma visão que chamamos de eurocentrismo. Via a cultura europeia como melhor e mais evoluída e lá como centro do mundo, então, possuíam um profundo sentimento de superioridade em relação ao indígena. Isso serviu também de argumento para a colonização.

Desde o princípio da colonização, os conflitos foram frequentes, até chegarem ao auge no fim do século XVII, no período do final da ocupação holandesa. Particularmente os estudos sobre este assunto se concentram entre 1693 até 1713, quando foi derrotada uma união das tribos contra os portugueses, que ficou conhecida como confederação dos Cariris ou Confederação dos "Bárbaros". Também de confederação dos Janduins.

O combate aos indígenas baseava-se no conceito medieval de guerra justa, apoiado e divulgado pela Igreja, desde as cruzadas medievais contra os islâmicos. Estariam combatendo, em nome da civilização e da igreja católica, contra os bárbaros, os antropofágicos (canibais) e sem religião. Então, esta guerra seria justa. A ideia de **Guerra Justa** é uma justificativa para a colonização e para o combate aos indígenas. Destacaram-se os colonos do nordeste, mas, sobretudo, bandeirantes paulistas e padres jesuítas.

O padre jesuíta frei Vicente de Salvador relata como foi penosa a conquista da Paraíba (na época parte da capitania de Itamaracá e de Pernambuco) e os longos anos de conquista até 1586. Os principais indígenas combatidos eram os do sertão, à margem direita do São Francisco, os índios do ramo linguístico **Tapuia**. São várias tribos indígenas designadas genericamente pelos portugueses de **Cariris.** Eles eram caçadores (diferentes dos tupis do litoral. Para os tupis, eram tapuias os não tupis), produziam cerâmica e pontas de flechas e machados com pedra polida ou sílex. Genericamente, os Potiguaras também eram tratados por esta designação nos relatos mais antigos.

Representação ilustrativa dos confrontos indígenas.

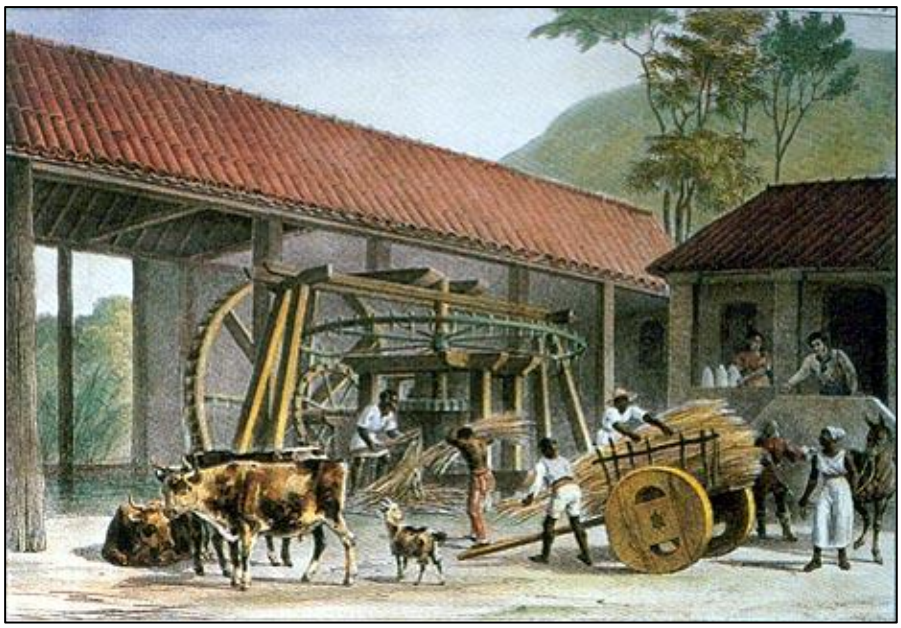
Os confrontos com os indígenas, sobretudo os belicosos (guerreiros) Potiguares, foram difíceis. Os primeiros capitães travaram profundas lutas contra os indígenas e contra os invasores franceses. O capitão donatário de Pernambuco Duarte Coelho, em vários momentos, deu seu

apoio militar para o combate dos Potiguares nas terras paraibanas. Os indígenas se juntaram formando a já citada união das tribos, que ficou conhecida como confederação cariri. É importante lembrarmos que se trata de uma união entre as diversas tribos tapuias/cariris que se uniram contra os colonizadores para defender seu território, então realizavam frequentes ataques aos engenhos e às vilas, causando grande destruição.

Enquanto ocorriam décadas de confronto foi instalada a lavoura açucareira, que usou a mão de obra escrava africana e contou com o suporte financeiro dos holandeses, que mais tarde invadiram a capitania de Pernambuco, dando início a um processo de colonização holandês, sobre o comando de Maurício de Nassau. Estudaremos esses assuntos nas próximas aulas e vamos tratar agora da implantação da lavoura de cana de açúcar. Como ocorreu, por que optaram por este produto e pela escravidão. Vamos nessa!

2.3. A LAVOURA AÇUCAREIRA E A MÃO DE OBRA ESCRAVA. POR QUE A CANA?

A opção por cultivar a cana de açúcar ocorreu por várias razões que vamos enumerar:



Trabalho dos escravos nos engenhos de açúcar.

1. **Havia uma alta demanda** na Europa pelo açúcar e seus preços eram altos.
2. **A cana é um vegetal** asiático, da índia, que possui **clima quente e úmido**. Se adaptou muito bem ao clima do litoral nordestino (tropical úmido), e ao solo fértil da região (solo de massapé).
3. **O financiamento** da produção, transporte, refino e distribuição no mercado europeu do açúcar era realizado por holandeses.

TOME NOTA!

Clima tropical úmido: É o clima da região do litoral nordestino, a zona da mata. É quente e úmido e sofre influência da umidade oceânica, e no inverno da massa polar atlântica, que provoca chuvas de inverno.

Solo de Massapê: É o solo encontrado na zona da mata. Solos são rochas desagregadas, misturada com material orgânico e microrganismos. Ele é o resultado da desagregação de duas rochas: a gnaisse e o calcário. É um solo profundo e fértil.

A opção pela cana de açúcar tinha como objetivo garantir o máximo de lucro para a metrópole, que, no contexto do início da colonização, encontrava-se em crise econômica e **transferiu os gastos da colonização para a iniciativa privada** por meio das capitanias hereditárias e dependia do financiamento e da infraestrutura holandesa. Os flamengos (holandeses) ficavam, portanto, com as atividades mais lucrativas que envolviam o comércio internacional do açúcar. A relação com os holandeses era intensa e pacífica até 1580, quando ocorreu a **União Ibérica**, que foi a união entre os dois reinos, Portugal e Espanha, sob domínio espanhol. Durante o período da União Ibérica, os holandeses foram proibidos de participar da atividade açucareira no Brasil por serem inimigos da Espanha. Neste contexto, invadiram Salvador e, depois, Pernambuco.

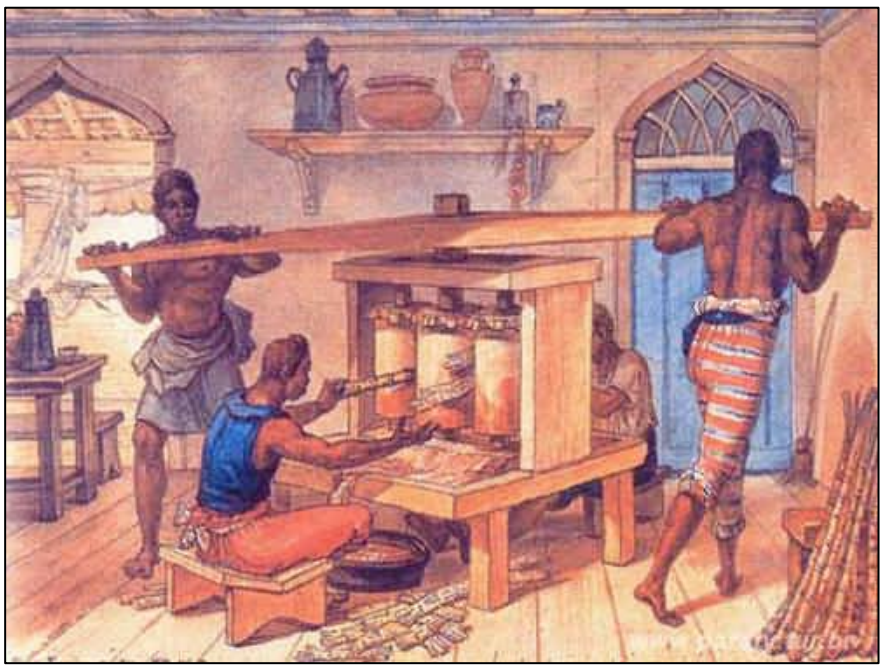
A expulsão dos holandeses em 1654 está ligada à decadência da cana de açúcar. Não há dúvidas da importância da atividade açucareira para a Holanda, mas vale ressaltar que nunca se ocuparam da produção. Nunca foram donos de um só engenho no Brasil, nem mesmo no período em que invadiram e permaneceram em Recife, atual capital de Pernambuco. Sempre se comprometeram com o financiamento, o frete e o comércio, principalmente.

Os engenhos foram instalados destacadamente em **Pernambuco**, na Bahia, em pequenas faixas territoriais maranhenses, no nordeste e em **São Vicente**, litoral de São Paulo. O modelo de produção adotado foi o *Plantation*, cujas características são:

1. **Monocultura** (só se cultivava cana de açúcar).
2. **Exportação** (o objetivo é atender a demanda do exterior, no caso a metrópole).
3. **Latifúndios** (grandes extensões de terra).
4. **Escravidão** (Mão de obra escrava africana).

3. A Escravidão e o Comércio Atlântico

A escravidão africana foi uma opção, devido a um mercado extremamente lucrativo que era o comércio de africanos, pois a demanda de braços era tão grande quanto a demanda por açúcar. Movimentava um mercado (o mercado atlântico de escravos), que era grande como a demanda europeia pelo sabor doce. *Por que não escravizar o índio*, você pode perguntar, mas é preciso lembrar que a Igreja Católica posicionou-se, por meio de Bulas Papais e na expansão e colonização da América, contra a escravidão do **gentio** (nativo, indígena). E não movimentava um mercado tão lucrativo e estruturado, como era o comércio de africanos.



Mão de obra dos escravos africanos nos engenhos de açúcar.

Quanto ao negro, a escravidão era denunciada por alguns religiosos, mas, no geral, era tolerada e aceita, e, em todo o período colonial e no império brasileiro, era o sustentáculo da economia e o elemento fundamental na organização da sociedade, pois todo o trabalho braçal, inclusive o de vestir os seus senhores, era realizado por um cativo. A demanda por braços para o trabalho era muito grande, ao ponto de Portugal não conseguir atender a demanda. Isso gerou o comércio atlântico que fugia ao controle de Portugal: **O tráfico negreiro**. Os africanos escravizados eram transportados nos navios negreiros, cuja mortalidade era tão alta, que foram apelidados de navios tumbeiros. Eram descarregados no litoral nos mercados de escravos, onde eram vendidos, e dali seguiam para as fazendas. Para evitar a comunicação e as rebeliões, separavam as famílias e as tribos. Durante todo o tempo em que ocorreu a escravidão (1530-1888), ocorreu também a resistência africana. Resistiam por meio de suicídios, de abortos, de levante contra seus senhores, de fugas e da formação de Quilombos. Durante as invasões holandesas e diante da resistência dos colonos na primeira invasão na Bahia, estimulou muito o surgimento de quilombos.

4. As Capitanias Hereditárias

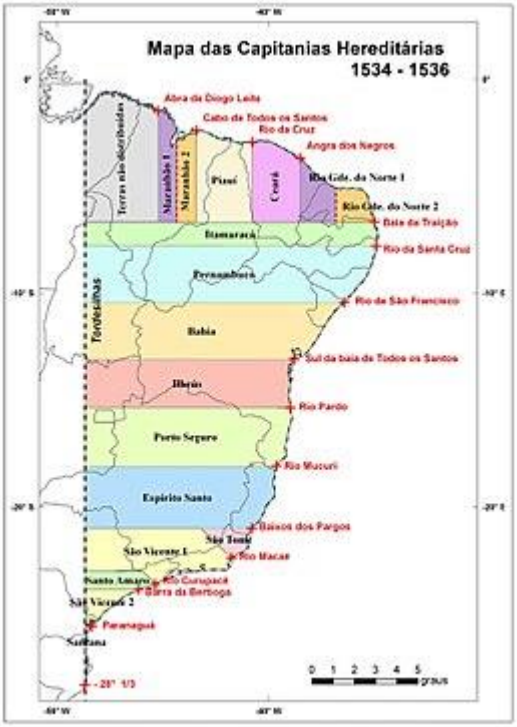


Figura 10 – Proposta de novo mapa das capitanias hereditárias. Desenho do autor.

Quando Portugal optou pela colonização do território e por abandonar o antigo sistema de feitorias, **transferiu os gastos para a iniciativa privada**. Com a criação das capitanias hereditárias, que a coroa portuguesa já havia tentado em algumas colônias, o território brasileiro foi dividido em 15 faixas que iam do litoral até o limite do tratado de Tordesilhas.

O que são?

São equivalentes hoje aos estados. Na colônia eram chamadas de capitanias, no império, províncias e, na república, estados. As 15 capitanias criadas foram concedidas a 12 capitães donatários (como eram chamados os que recebiam o benefício). A capitania de Itamaracá, por exemplo, foi o terceiro quinhão de terra recebido por Pero Lopes. É importante destacarmos que, na época, não era um grande negócio, pois os riscos e as dificuldades do empreendimento eram muito grandes.

De todas as capitanias somente a de Pernambuco e a de São Vicente prosperaram. Os donatários possuíam um poder muito grande. Poder sobre a vida e a morte dos homens e o domínio sobre o território. Predominava um grande **localismo político**, ou seja, as questões mais relevantes eram resolvidas aqui mesmo, pois, com as dificuldades de transporte e comunicação, tudo que era enviado a Europa demorava meses, ou anos, para serem resolvidos. Era um empreendimento perigoso e custoso, além do risco de perder tudo em naufrágios, como ocorreu

com várias embarcações portuguesas, sem contar que existia o risco dos ataques indígenas e os rigores de adaptação aos trópicos; bem como as dificuldades inerentes à construção de uma vila e iniciar a colonização. Por isso não foi tão bem sucedido.

4.1. DOCUMENTOS JURÍDICOS.

Os donatários desembarcavam com dois documentos: **A carta de doação** e o **foral**. O primeiro, como o próprio nome diz, é a carta que dá os direitos de exploração da terra. Entre seus direitos estavam o de total autonomia política para decisões, recolher os impostos e pegar parte para si. Os direitos e as obrigações estavam escritos no **foral**. O Principal dever era o de povoar a colônia e de consolidar a colonização portuguesa. Para o povoamento, os donatários deveriam distribuir as **Sesmarias**. Elas eram grandes propriedades que eram doadas para o povoamento. Seguiam o seguinte critério: podiam receber sesmarias quem fosse católico e plantasse cana de açúcar. Era lei que, em todo o litoral, só fosse cultivada a cana. Com o tempo, as fazendas de gado conquistaram o interior, principalmente na zona da mata e no sertão.

A estrutura fundiária (distribuição das áreas agricultáveis em tipos de propriedade) de Pernambuco é bastante concentrada, destacadamente no sertão e na zona da mata. A distribuição de sesmarias era a única forma de ter acesso a terra e isso levou a uma grande concentração de terras nas mãos de poucos proprietários, muitos deles descendentes dos senhores de engenho. As capitanias foram extintas em 1759, por marquês de Pombal, mas até a independência (1822) as sesmarias eram distribuídas.

Em 1850, durante o império, foi lançada a lei de terra que proibia a doação de sesmarias e transformava a terra em mercadoria que poderia ser comparada e vendida à vista em leilão público. Foi uma forma de manter o monopólio dos grandes proprietários sobre a terra, pois é a época da extinção do tráfico de escravos e a imigração estrangeira. Pernambuco recebeu muitos imigrantes, e quem entrou no estado depois da lei terras teve muita dificuldade de acesso a ela.

5. As Invasões Estrangeiras (Franceses e Holandeses).

Representação Ilustrativa das Invasões Estrangeiras.

5.1 As Invasões Francesas.

O litoral brasileiro era bastante frequentado por piratas e corsários franceses. "*Piratas e corsários são coisas diferentes?* " Sim, são. Aparentemente são a mesma coisa. Capitães de navios que atacavam frotas mercantes para pilhá-las. Mas, enquanto a **pirataria** era uma atividade marginal e individual e o sujeito é um saqueador; o Corsário era um "pirata oficial". Se o navegador recebe um documento do Estado chamado de **Carta de Corso**, ele se transforma no corsário. Pode saquear e derrubar navios, desde que inimigos da coroa francesa, ou seja: navios espanhóis, portugueses e ingleses.

A França realizou duas invasões ao Brasil. A primeira no Rio de Janeiro e a segunda no Maranhão. A **primeira invasão** ocorreu entre 1555 e 1558 na Baia da Guanabara, no Rio de Janeiro. Um grupo de *hunguenotes* (calvinistas) tentava fugir das perseguições religiosas na Europa. Vieram sob o comando de Villegagnon e do Almirante Coliny. Fundaram um forte militar e iniciaram uma colônia: **A França antártica**. Foram expulsos pelo Governador Geral, Mem de Sá, em 1560. Durante o tempo todo de permanência, exploraram ativamente as madeiras do litoral.

A Segunda invasão foi em 1612 no Maranhão onde fundaram a cidade de São Luiz. Criaram a **França equinocial**. Nas duas tentativas se associaram aos indígenas contra os portugueses. Foram expulsos do Maranhão em 1615.

5.2. Invasão Holandesa (1630-1654)

Em 1630, com uma esquadra de setenta navios, os holandeses chegaram a Pernambuco e dominaram Recife e Olinda sem maiores dificuldades. A Espanha, envolvida em outras prioridades militares, não mandou grande apoio militar para a resistência estabelecida pelos colonos. Aos poucos, com as vantagens oferecidas pelos invasores, a resistência se enfraqueceu e muitos produtores passam para o lado flamengo, pois estes se comprometeram a respeitar a **liberdade religiosa** (lembre-se de que os holandeses eram calvinistas e os portugueses católicos), o **direito de propriedade** das terras e engenhos, bem como realizariam **financiamentos** e **comprariam a produção**.

5.2.1. O Governo de Maurício de Nassau.

Maurício de Nassau foi governador geral dos domínios holandeses, e aqui permaneceu entre 1637 a 1644. Preocupou-se com a reorganização da produção açucareira (que foi comprometida pelas tentativas de resistência dos colonos) e com a segurança. Procurou conciliar os luso-brasileiros (portugueses e descendentes que aqui habitavam) que ficaram sob seu domínio, e tratou de ampliar territorialmente o domínio holandês, que passou a ocupar territórios entre o Maranhão e a Bahia. Nassau devolveu as propriedades aos seus antigos donos, ampliou o crédito e forneceu empréstimos a juros controlados. Ainda passou a cobrar impostos mais baixos que os cobrados por Portugal e a realizar importantes melhoramentos urbanos. Apesar da política conciliadora, não conseguiu impedir conflitos e contradições. Os senhores de engenho que haviam contraído empréstimos com os holandeses não conseguiam saldar suas dívidas, e conflitos religiosos (apesar da liberdade religiosa concedida pelos holandeses) ocorriam. Os conflitos se tornaram mais intensos quando, em 1640, Portugal restabeleceu sua coroa e se libertou da Espanha, pondo fim à União Ibérica.

5.2.2. A expulsão dos holandeses e a decadência do açúcar.

Com o fim da União Ibérica, Portugal tratou de recuperar seus territórios coloniais e propôs uma trégua de 10 anos para a desocupação holandesa do Nordeste.

A partir daí, a Cia das Índias Ocidentais resolveu diminuir seus efetivos militares a fim de conter os gastos. Nassau foi demitido e o novo governo tornou-se extremamente severo, sobretudo em relação às dívidas dos senhores de engenho e ao prazo para saldá-las. Muitas propriedades foram confiscadas e a tolerância religiosa não era mais observada com os mesmos

cuidados. As tensões se acumularam e começaram a se manifestar na forma de rebeliões que se generalizaram, até que eclodiu um processo de rebelião que expulsou os holandeses: **A Insurreição Pernambucana**.

Os colonos luso-brasileiros confrontaram os holandeses entre 1645 e 1654, quando finalmente são expulsos. Portugal ainda pagou uma pesada indenização à Holanda e o comércio e a produção de açúcar foram profundamente prejudicados, pois flamengos foram se instalar nas Antilhas (na ilha de Curaçau, na América central) e se tornaram fortes concorrentes do Brasil no mercado açucareiro.

A produção de açúcar no caribe foi o início da decadência da nossa produção, pois o açúcar era de melhor qualidade e muito mais próxima a Europa, o que barateava o frete. Os holandeses passaram a fornecer um açúcar melhor e mais barato.

Pintura "A batalha dos Guararapes" de Victor Meirelles.

A principal batalha da insurreição Pernambucana.

6. Fatores de Ocupação do Território: Jesuítas, Pecuária e Bandeirantismo.

6.1. Os Padres Jesuítas

Os Padres da *Cia. De Jesus* eram também conhecidos como **soldados de batina**. O apelido é porque a ordem jesuítica possuía uma organização e preparo militar, bem como pelo fato de seu fundador, Inácio de Loyola, ter sido oficial militar. Fundavam no Brasil (e em todo o mundo colonial português), as Missões jesuíticas, incumbidas de catequizar os nativos e protegê-los nas **Missões, ou colégios jesuíticos**. Não foram raras as situações em que expedições de **bandeirantismo** atacavam as missões querendo escravizar seus indígenas, que já eram cristianizados e ensinados ao trabalho. As missões jesuíticas ocuparam, além do litoral, o sul do Brasil na fronteira com a Argentina e, principalmente, na região amazônica. As missões jesuíticas tiveram um importante papel na ocupação do nosso território, muitas vezes servindo a Portugal como ponto de demarcação de fronteiras. Ao longo do rio Amazonas foram penetrando no interior. Essas missões amazônicas treinavam e usavam os indígenas como mão de obra (não escrava), para coletarem as **drogas do sertão**. Drogas do sertão eram ervas medicinais, coletadas em meio à floresta e vendidas para a Europa. Eram valiosas como as especiarias asiáticas.

6.2. A Pecuária:

Era a principal atividade complementar da colônia, pois fornecia carne, couro e transporte. Era realizada mais ao interior do território brasileiro, onde encontrou a vegetação da Caatinga e o **Cerrado**. A pecuária desenvolveu-se principalmente nas regiões de cerrado por suas sempre verdes pastagens naturais. E uma coisa diferenciava fundamentalmente a pecuária das outras atividades: **O uso de mão de obra livre, normalmente indígena**. O vaqueiro, como era chamado, recebia sua remuneração em filhotes das crias.

6.3. O Bandeirantismo:

As bandeiras eram expedições com objetivos comerciais e privados. Não eram as únicas expedições que ocorriam em nosso território. Havia as expedições de reconhecimento enviadas pela coroa, que eram chamadas de **Entradas**. As atividades dos bandeirantes iniciaram em São

Vicente. A capitania, nos primeiros anos de ciclo do açúcar, junto com Pernambuco, foram as únicas que tiveram sucesso.

No entanto, a atividade açucareira logo entrou em decadência (principalmente devido à distância maior de Portugal, o que encarecia o frete, além disso, o açúcar pernambucano era de melhor qualidade). Os paulistas viram-se obrigados a dedicar-se a uma atividade econômica alternativa, que foi o bandeirismo. Havia basicamente três tipos de expedições bandeirantes:

- ✓ **Bandeirismo de Contrato:** Grupos contratados para capturar escravos fugidos e destruir quilombos.

- ✓ **Bandeirismo de Preação ou apresamento:** Expedições cujo objetivo era capturar indígenas e escravizá-los. (Por isso sempre entravam em conflito com os padres jesuítas que os protegiam).

- ✓ **Bandeirismo de Prospecção:** Expedições para buscar jazidas ouro, prata ou pedras preciosas. Foram os paulistas que encontraram o ouro no início do século XVIII, dando início ao ciclo da mineração.

Como a movimentação pelo território era muito difícil devido às florestas e ao relevo planáltico, os rios ocupavam uma posição de destaque para viabilizar as expedições. Eram chamadas de **Monções**, expedições bandeirantes feitas por rio.

7. HISTÓRIA DA CEARÁ COLONIAL.

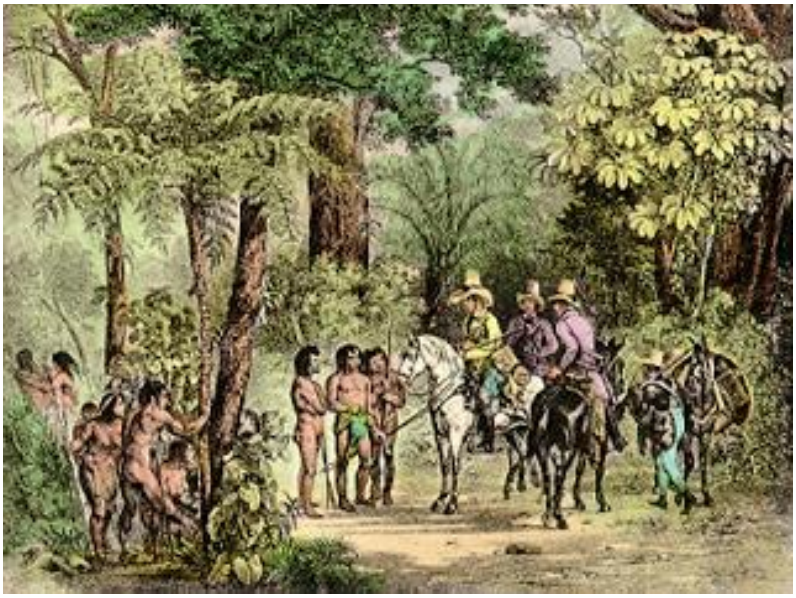
A interiorização do nordeste colonial foi um processo de sistematização baseado nas capitanias hereditárias, tendo por objetivo o a instalação de atividades produtivas e ocupação do território **visando evitar as invasões estrangeiras, catequizar e combater possíveis resistências dos nativos**.

Seu primeiro donatário **Antônio Cardoso de Barros** ao receber a capitania de "Siara Grande" nunca chegou a fazer investimentos econômicos na região devido a mesma não oferecer condições físicas e climáticas favoráveis à produção da cana de açúcar, como os fortes ventos litorâneos e clima mais seco, bem como forte resistência indígena. O contato foi mantido entre portugueses e os índios Potiguara. A **primeira expedição colonizadora ocorreu no ano de 1603 com o capitão Pero de Coelho**, ele subiu o Rio Jaguaribe com o objetivo de construir portos e expulsar estrangeiros. Após muitas batalhas venceu estrangeiros **franceses** e conquistou a região da Ibiapaba, assim ao retornar à barra do rio Ceará **construiu o Fortim de São Tiago da Nova Lisboa (1604)**, região hoje localizada a cidade de Fortaleza. Foi a primeira tentativa de colonizar oficialmente o Ceará.

CURIOSIDADE

O sistema de capitanias não se mostrou um bom negócio, principalmente diante dos altos custos para o beneficiário, que teria que colonizar à suas próprias custas, e ainda o risco de naufrágios e perder tudo, além da dificuldade da resistência indígena.

O primeiro capitão mor cearense montou uma expedição para explorar o rio Jaguaribe e combater piratas franceses. **Pero Coelho** foi primeiro homem a escravizar as populações indígenas, inicialmente os índios da **Ibiapaba e do rio Jaguaribe**. **Construiu o Marco Zero de Fortaleza – em 25 de julho de 1604 –** Fundou o forte de São Thiago no rio Ceará e outro no rio Jaguaribe. Em sua empreitada homenageou o primeiro povoamento de nova Lisboa. Organizou soldados e indígenas para empreender a **conquista do Maranhão** fato em que não obteve êxito na captura de povos indígenas, entre eles os Tabajaras. Era uma atividade típica da colônia que chamamos **sertanismo**. Procuravam riquezas, escravizavam indígenas e capturavam escravos fugidos. É uma atividade bastante associada aos paulistas, mais conhecidos como **bandeirantes**, mas o sertanismo era uma geral na colônia. Estes escravizadores eram grandes inimigos da Igreja, que protegia o nativo e defendia o índio através da catequização nos colégios jesuítas.



Rugendas. Encontro do Europeu e o indígena.

Em 1607 foram enviados os **padres jesuítas Francisco Pinto e Pereira Figueira** para catequizar os nativos. Esses dois chegaram até a Chapada da **Ibiapaba**, sendo que ficaram até a morte de Francisco Pinto no mesmo ano. Pereira Figueira voltou a Pernambuco em 1608 após passagem pelo RN. Não conseguiram materializar a presença da Igreja ali.

Em 1611 Martins Soares Moreno aliou-se aos índios potiguares e construiu o forte São Sebastião. Foi o segundo capitão mor do Ceará e participou da expedição colonizadora de Pero Coelho. Tentou desenvolver a economia local com a pecuária, cana de açúcar e pesquisou os minerais. Os holandeses tomaram o forte São Sebastião e ele lutou contra os holandeses para expulsá-los.

Outro ponto importante que contribuiu com a colonização da região do Ceará foi a elaboração de uma provisão régia datada em 30 de junho de 1698. Ela determinava que os pecuaristas da região de Itapuã até o Rio Vermelho na Bahia, levassem seus gados para o interior, no prazo de um mês, pois esses gados vinham dando prejuízos aos lavradores da região devido às destruições por meio das invasões. Até então a concentração geoeconômica estava presente no litoral, com a produção da cana de açúcar. A coroa proibiu qualquer atividade econômica além da cana por 100km do litoral. **A expansão do gado atingiu as regiões mais pobres como a capitania Maranhão e Ceará. O Ceará no decorrer do Setecentos, a economia pecuarista, a despeito de sua baixa produtividade e pequena rentabilidade no litoral, atribuiu sentido à ocupação dando forma e conteúdo ao Ceará**.

A expansão portuguesa ganhou força devido a **aliança entre boiadeiros e a igreja** que veio a resultar em aprisionamentos de indígenas visando o aumento da produção de gado e o processo de catequização. Esse fato provocou maior presença do estado português na região.

Convento Jesuíta em Buritiré.

Devido as características adversas do clima seco e resistência de alguns povos indígenas, em um primeiro momento foi elaborado a fase de expansão, e posteriormente a fase de fixação populacional através da fundação e construção das Vilas. Essa movimentação do colonizador resultou em um capítulo sangrento da história, a chamada **Guerra dos Bárbaros**.

8. A Guerra contra os Bárbaros no Ceará.

Em 1699, a Companhia O Terço criada para combater indígenas promoveu o assassinato de 400 e aprisionou 250 índios Paiacu, sendo esses habitantes da região do Ribeiro do Jaguaribe. Combatendo índios das etnias Carateú, Icó e os Carati a Companhia chegou até o rancho dos Paiacu, esses caracterizados por serem pacíficos, foram convocados a incorporar à tropa junto aos já presentes Janduí. O colonizador aproveitou-se da rivalidade já existente entre essas etnias, promoveu a discórdia entre elas. Assim, estimulado o conflito, seu objetivo era aprisionar índios e tomar suas terras com o argumento de que estariam em guerra. Após a tropa junto com os Janduí promoverem uma matança aos Paiacu.

Ao fim a prestação de contas: o bandeirante Navarro enviou uma carta ao governador geral relatando bons serviços de sua companhia por meio de uma guerra justa. Este é um exemplo dos diversos conflitos promovidos entre os anos de 1650 e 1720.

Devemos evidenciar que essa Guerra não se limitou apenas entre colonizador x nativos, pois os colonizadores entraram em conflitos entre si pelas terras e mão de obra indígena, envolvendo diferentes setores da sociedade colonial, sendo eles os sesmeiros, os moradores, os religiosos, os bandeirantes, os foreiros, os vaqueiros, os rendeiros, os capitães-mores, os mestres de campo, enfim todos os setores sociais da colônia.

TOME NOTA!

A expressão **Bárbaros** foi elaborada pelos colonizadores, pois esses viam a organização social indígena como algo atrasado que se apresentava como obstáculo e dificultava o processo colonizador. Assim eram chamados de selvagens, bestiais, infiéis, traiçoeiros, audaciosos, intrépidos, canibais, poligâmicos, sendo sinônimo de problemas, justificando com esses argumentos a movimentação da guerra.

Por outro lado, a Guerra dos Bárbaros promoveu inúmeras organizações de resistências indígenas pautada em alianças entre as etnias contra o colonizador, que colaborou no retardo da colonização por quase dois séculos. Contudo a derrota da resistência proporcionou a expansão econômica e criação de fazendas através da pecuária.

9. A PRESENÇA HOLANDESA NO CEARÁ

Os holandeses pretendiam controlar as regiões produtoras de cana de açúcar e também procurar as potenciais riquezas da região. As riquezas cearenses foram exploradas como madeira, sal, alguns engenhos e o gado. A principal importância estratégica do Ceará neste momento era dar apoio logístico, servindo de entreposto a viagens mais longas (isso ocorria no litoral cearense e potiguar) e ser um ponto de apoio à manutenção canavieira de Pernambuco. A presença holandesa ao norte pernambucano, no RN e Ceará foi muito violenta pois ocorreram vários massacres e inevitáveis conflitos religiosos (apesar de Mauricio de Nassau ter concedido liberdade religiosa aos colonos). Os holandeses tomaram o forte de São Sebastião, mas em 1644 os indígenas, muito hostis aos holandeses, tomaram o forte e o destruíram.

Em 1649 foi enviado de Recife o militar, administrador e pastor protestante holandês **Matias Beck**. Foi o líder da expedição holandesa ao Ceará, em que empreendeu forte luta com os nativos, procurou explorações de prata e construiu o forte. Em 10 de abril, foram iniciadas as obras de construção do quartel para abrigar a tropa, munições e mantimentos, o **Forte Schoonenborch**, o embrião da atual cidade de **Fortaleza**. Quebrou o primeiro acordo de desocupação do território ao fim da União Ibérica e enfrentou as tropas portuguesas e dos colonos empenhados na expulsão dos flamengos. Após as derrotas holandesas e a insurreição Pernambucana entrega o governo do Ceará em maio de 1654 e dali partiu para governar a ilha de Curaçau no Caribe (América Central) e introduzir a produção da cana, que foi a responsável pela crise no setor açucareiro no Brasil.

A Igreja só retomou sua evangelização no Ceará após a expulsão dos holandeses. E após o declínio da cana, o gado vai ocupar a cena econômica cearense.

10. O POVOAMENTO EFETIVO E TARDIO: A PECUÁRIA E A IGREJA.

A ocupação foi feita através das sesmarias em que por meio da análise das justificativas das concessões ressalta a ideia de que a **atividade criatória foi a principal responsável pela ocupação da capitania**, sendo que dos 2472 lotes solicitados entre 1679 e 1824, 90,85% tinham como justificativa a necessidade de terra para a pecuária.

A primeira metade do século XVIII foi marcada pela presença de fazendas de gado dispersas pelo sertão na qual promoveu o processo de povoamento da região. Essas fazendas passaram a ser locais de concentração das unidades familiares, da atividade produtiva que estimulou as primeiras acumulações de renda no sertão, também foi sede da vida política local na qual organizou as relações de poder quase que absolutos estabelecendo grupos na posição de mando e outros na posição de obediência. Essa organização territorial e social auxiliou no papel de defesa em relação as resistências indígenas e aos sesmeiros que lutavam pela posse da terra. Junto a isso também promoveu o processo de aculturação e miscigenação da região do Ceará.

As sesmarias localizavam em locais estratégicos e suas sedes estavam em regiões altas acompanhadas por açudes, currais e cercados próximos à riachos, associando essas características às necessidades produtivas da região. A tecnologia empregada era a própria expressão do meio físico ante o novo sistema-mundo mercantil que se instalava nas ribeiras do sertão cearense. Aqui temos como exemplo a **casa do Umbuzeiro na qual era utilizada como tecnologia o alicerce de alvenaria de pedra, as paredes de taipa de sopapo e o piso revestido com ladrilhos de barro ou de terra batida**. Sua construção feita de forma simples regida pelo tempo social foi marcada pela pouca mão de obra, pela necessidade rápida de fixação, pelo clima seco, quente e pouco chuvoso, pela rara presença de pastagens e quase inexistência de rios perenes. As técnicas utilizadas foram resultado da relação real entre a população e a natureza no século XVIII, em que havia urgência para o funcionamento da "civilização do couro".

A formação das fazendas de gado na extensão do sertão resultou em alguns núcleos que na sua maioria deram origem a maioria das vilas de brancos na capitania do Ceará. Logo no decorrer do século XVII fazendas e vilas alteraram a dispersão reinante no litoral e no sertão cearense.

Devemos considerar que não somente a ocupação econômica na região cearense ocorreu de forma demorada em relação a regiões do litoral, pois a presença da igreja por meio da catequese também se apresentou de forma tardia, porém antecedeu o poder civil (autoridades portuguesas) que posteriormente submeteu a igreja a seu poder, sendo que uma das grandes dificuldades da igreja foi a extensão territorial cearense. Em relação a Igreja, o território cearense foi pontuado por ermidas, capelas, aldeamentos pequenos e efêmeros que tiveram à frente, na maioria das vezes, padres seculares e os Clérigos do Hábito de São Pedro.

O projeto de ação jesuítica na capitania do Ceará prendeu-se ao surgimento de algumas pequenas missões anteriormente organizadas pelos inacianos (membros da igreja que faz referência a Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus) sendo as de Parangaba, Caucaia e Paupina próximo a Serra da Ibiapaba, sendo essas mais as de Baturité e dos Cariris Novos transformadas em reinado de D. José I.

A aldeia de Ibiapaba é a atual Viçosa.

Além dessas outras missões passaram por transformações e imposições postas pelas autoridades portuguesas em seus respectivos nomes, sendo que a região de Arronches (atual Parangaba), Soure (atual Caucaia), Messejana, Vila Viçosa Real, Monte-mor o Novo da América (atual Baturité) e **Vila Real do Crato**. As missões dos Tremembés, no rio Aracati-Mirim, e a dos Pacajús, no rio Choró, tornaram-se respectivamente Almofala e Monte-mor, o Velho da América (atual Pacajus), mas permaneceram como simples povoados. Assim ficou evidente os interesses portugueses nessas regiões, pois garantiriam as relações de poder por meio das instituições civis e religiosas, cada uma com seu papel nas diferentes localidades.

Almofala atual municipio de Itarema.

Até o final do século XVII havia quatro aldeamentos sobre a organização dos Clérigos do Hábito de São Pedro, sendo dois localizados na Ribeira do Jaguaribe e os outros próximos a localidade na qual se formaria a vila de Fortaleza. Houve outros aldeamentos sobre responsabilidade dos jesuítas como a dos índios paiacus na Aldeia de Nossa Senhora de Madre de Deus (Aldeia Velha) na Ribeira do Jaguaribe, as dos índios jaguaribaras e anacés catequizados pelo clérigo João Leite de Aguiar em Parnamirim, havia a vila de Nossa Senhora de Assunção aos cuidados de João Alvares da Encarnação e a Aldeia de Nossa Senhora da Montanha (antiga Aldeia Velha) catequizada pelo padre João da Costa. Já em 1702 o padre João de Matos Serra presente na vila de Aquiraz fundou o Arraial Novo, aldeando os índios do Icó onde hoje é a cidade de Icó.

Após erguer algumas fazendas membros dessas localidades pediam permissão para o bispado de Pernambuco para a construção de uma ermida (uma pequena igreja ou capela) onde poderiam fazer suas missas. As ermidas cearenses eram construídas através de ex-votos: doação de terras como pagamento de promessas para o santo padroeiro da região, colaborando para o patrimônio religioso da capitania do Ceará.

Relação das missões e aldeias do Ceará (1739)

Nome da Missão ou Aldeia	(Ordem ou Irmandade)	Religioso (padre, frei ou clérigo)	Lugar (topônimo)	Índios
Missão da Ibiapaba	Jesuíta	ni	Viçosa	tabajaras, anassés e outros (É assim que se encontra do doc histórico !!!)
Aldeia do Miranda	capuchinho	Francisco Carlos Maria de Ferrara	Crato	carius, assus, calabaças e quixeloz
Aldeia do Banabuiú	clérigo	Zechiel Gameyro	Serra da Uruburetama	genipapos e canindés
Vila de Fortaleza	–	–	Fortaleza	anassés
Aldeia dos Jaguaribaras	clérigo	ni	Citio Cascavel	jaguaribaras
Aldeia dos Payacus	clérigo	Luiz Ferreira	Taboleyro do Cascavel	paiacus e assus
Aldeia dos Jucazes	clérigo	Antonio Nunes Cabral	Jucás (São Mateus)	jucás
Aldeia dos Tarabembés	Jesuíta	ni	Almofala	tremembés
Aldeia de Parnamirim	Jesuíta	ni	Eusébio	tremenbés
Aldeia de Paupina	Jesuíta	ni	Messejana	tremenbés
Aldeia Nova	Jesuíta	ni	ni	tremenbés
Aldeia de Parangaba	Jesuíta	ni	Parangaba	tremenbés
Aldeia de Guacaya	Jesuíta	ni	Caucaia	tremenbés

Convenções: –: inexistente; ni: não identificados. [é peciso discriminar os outros – se são vários; se são ni:não identificados no caso dos locais e dos índios faltantes, colocar, respectivamente, sítio aproximado; e se são vários ou ni]
Fonte: AHU_ACL_CU_015. Cx. 55. D. 4767. Arquivo Histórico Ultramarino. Projeto Resgate.

Haviam também as freguesias que pertenciam as demarcações da ordenação religiosa que estavam a cargo do bispo de Olinda, sendo por diversas vezes percorridas pelos padres com o intuito de arrecadar fundos para o governo português, sendo que no século XVIII o número de freguesias superou o número de vilas criadas no Ceará, que capitania alcançou no século XIX o número de 17 freguesias e 14 vilas.

Freguesias da capitania do Ceará. Ano [1777]

TIPOS DE FREGUESIA	Legoas	Capelas	Sacerdotes	Fogos	Pessoas de desobriga
VIGARIA COLADA					
Freguesia de São José do Aquiraz	26	6	1	530	2251
CURATOS AMOVÍVEIS					
Freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos	200	2	0	545	875
Freguesia de São José da Macabocoeira	56	0	1	225	1358
Freguesia de Nossa Senhora da Assunção da Vila da Fortaleza	40	2	1	467	1339
Freguesia de Nossa Senhora do Rosário das Russas	30	5	2	1027	4525
Freguesia de Santo Antonio de Quixeramobim	80	1	1	226	924
Freguesia de Nossa Senhora da Expectação da Vila do Icó	90	5	2	725	3312
Freguesia de São José dos Cariris Novos	60	2	0	980	3199
Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Arronlada	70	2	0	339	1234
Freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Inhamuns	100	4	1	613	2519
Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Sobral	60	4	1	678	2708
FREGUESIAS DE ÍNDIOS					
Freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres da Vila de Soure	1	0	0	243	621
Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Mecejana	3	0	0	450	1060
Freguesia de Nossa Senhora dos Aflitos da Vila de Arronches	1	0	0	585	1472
Freguesia de Nossa Senhora da Penha da Vila do Crato	3	0	1	324	4820
Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Monte Mor Velho	9	0	0	48	165
Freguesia de Nossa Senhora da Palma da Vila de Monte Mor Novo	40	0	0	99	565
Freguesia de Nossa Senhora da Paz da Vila de Arneirós	1	0	0	103	470
Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Almofala	1	0	1	59	137
Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção da Vila Viçosa Real	60	1	0	1538	2800

Fonte: CARTA do Bispo de Pernambuco D. Tomás [da Encarnação Costa e Lima] ao rei [D. José I].... e dois documentos anexos. Aquivo Histórico Ultramarino.

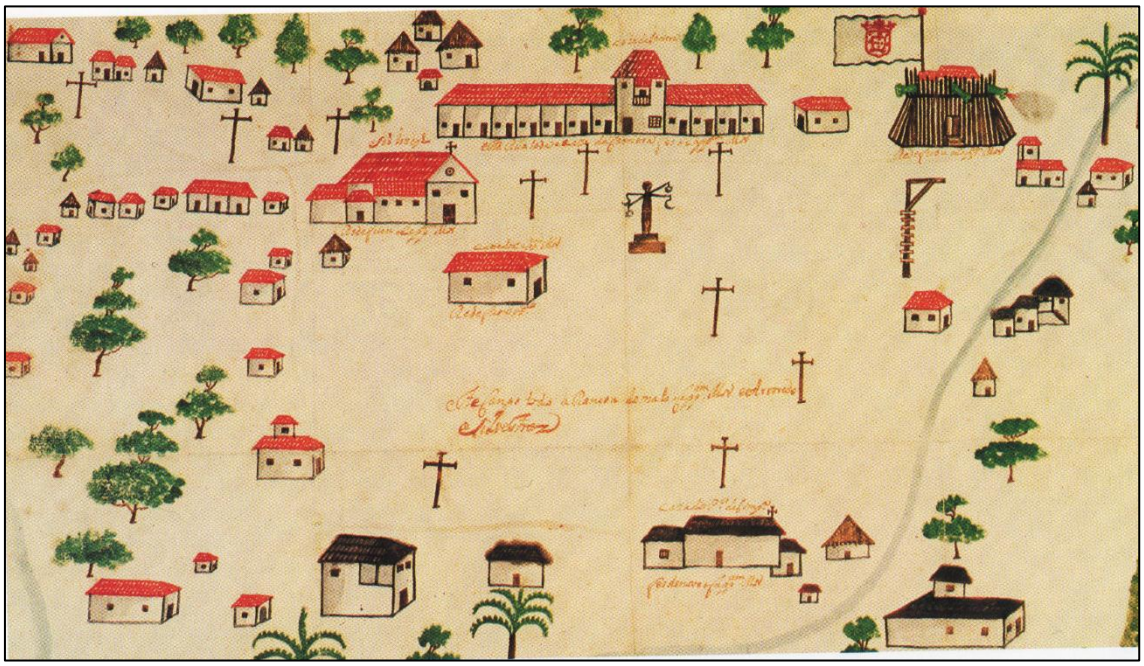
Devemos aqui enfatizar que a após abertura de caminhos por boiadeiros e membros da igreja a fixação em diferentes locais não foi feita de forma aleatória, sendo que uma de suas finalidades era estabelecer a autoridade civil lusitana.

No decorrer dos primeiros 40 anos da colonização cearense a construção das vilas proporcionou a centralização do poder e tomadas de decisões nas mãos do governo português, esse que articulou a organização espacial do território visando o desenvolvimento da vida econômica e social. Logo garantiria a continuidade do território por meio da marcação das áreas dos novos núcleos.

A demarcação portuguesa teve início através das entradas que por meio do mapeamento e reconhecimento dos espaços físicos, como por exemplo, mapear o relevo e os percursos dos rios que serviam para facilitar a presença dos colonizadores no interior. Através dos caminhos trilhados

estavam presentes o povoamento das sesmarias que eram concedidas em sequencias de lotes, assim estabeleciam ligações entre as fazendas criando regiões comerciais e consumidoras.

Em **sua maior parte, os primeiros caminhos utilizados pelos colonizadores no Ceará foram aproveitamento dos caminhos já elaborados pelos nativos**, esses que normalmente já se localizavam nas proximidades dos rios e seus percursos passaram a ser utilizados pelos colonizadores para adentrar ao interior da colônia. Assim o primeiro caminho cearense utilizado pelos colonizadores é chamado de **Estrada Velha**, que surgiu com o intuito da necessidade de ligar não mais somente pelo mar as regiões do Maranhão a Pernambuco, sendo agora também por terra. Além disso, diversos membros pertencentes à Coroa portuguesa utilizaram dos conhecimentos territoriais dos nativos ao estabelecerem certa relação amigável, podemos citar o exemplo dos colonos que alcançaram a região do Cariri ao Sul do Ceará percorrendo caminhos indígenas que passavam pela Bahia, Sergipe e Pernambuco.



O conhecimento do espaço pelo nativo se fazia de forma diferenciada em relação a do colonizador. Por isso uma presença de outra lógica de interpretação do meio e consequentemente a apropriação desse conhecimento se fez necessário para mapear e abrir estradas. **Tendo o colonizador uma perspectiva de pensamento pautada na economia, se viu na necessidade de garantir um intercâmbio com o nativo facilitando a movimentação produtiva e comercial do gado e do charque nos caminhos do Ceará colonial**.

CURIOSIDADE

As técnicas para a produção do charque são cearenses, desenvolvidas nas oficinas de charque. De lá espalhou-se para o país, inclusive as técnicas de charque da região sul.

Citemos o exemplo da Estrada Geral do Jaguaribe que até então era uma vereda indígena que veio a se transformar na estrada dos brancos no momento em que surgiram no caminho às margens do Jaguaribe a construção de fazendas e currais estimulando a prática da pecuária e a presença das sesmarias. Logo, essa passou a ser a principal via de comunicação do Ceará, pois por ali passavam mercadorias para o sertão vindas de Aracati e também produtos das salinas para as regiões do rio São Francisco. Ainda no século XVIII, já no sentido contrário, rumo ao Aracati havia o transporte da produção do Vale do Jaguaribe como o couro salgado e o gado que ia para oficinas de charque do Ceará, esse então transportado para as cidades do Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Por contar no ano de 1782 com 240 fazendas a estrada do rio Jaguaribe era considerada um caminho seguro.

10.1. Mineração e o Gado: relação das Minas com o Ceará

Na elaboração do espaço colonial cearense as construções das vilas foram orientadas pelo urbanismo luso setecentista, aderindo as necessidades exigidas pelo espaço físico. A organização territorial gerou conflitos políticos, pois envolviam diferentes interesses econômicos entre as vilas. Contudo, a única executada fielmente segundo a legislação foi a vila de índio Monte-mor o Novo d'América, essa sobre a influência do período pombalino na capitania cearense.

Com exceção de Aquiraz e Fortaleza presentes no litoral, a estrutura organizacional das localidades produtivas e comerciais cearenses se manteve até meados dos primeiros anos do século XIX em regiões estratégicas para a pecuária. Os assentamentos presentes nos cruzamentos das estradas e na foz dos principais rios da capitania (Jaguaribe, Acaraú e Coreaú) deixam evidentes os interesses dos colonos portugueses pela atividade produtiva.

A dinâmica estabelecida entre as vilas coloniais no Ceará se fizeram de grande importância para sua manutenção, apesar de que mesmo relacionando entre si a produtividade e rentabilidade do setor pecuário continuou pequena durante o decorrer do século. Por esse motivo, houve poucos investimentos técnicos e de capital por parte dos portugueses, já que os retornos dos investimentos se davam de forma mais rápida nas regiões litorâneas. Além disso, os investimentos tecnológicos não foram vistos como necessários, pois em 1654 os holandeses já haviam sido expulsos não havendo ameaças de estrangeiros, junto a isso através do Tratado de Tordesilhas a região na qual se compreende o Ceará já fazia parte do território português garantindo assim a posse do território. Outra questão que deixou a região em posição de subalternidade, era a de que para se chegar de Lisboa ao Maranhão e ao Pará era mais fácil por mar do que atravessando o sertão. Devemos então ressaltar que até o final do século XVIII havia a presença de apenas quatro engenheiros na capitânia, sendo eles Diogo da Silveira Veloso, Luís Xavier Bernardes, Jerônimo Mendes de Paz e Custódio Francisco de Azevedo, sendo que os três primeiros se dedicaram a procurar as minas de ouro e prata além de reformas da Fortaleza de Nossa Senhora de Assumpção, além do que havia pouca mão de obra qualificada.

A situação social e econômica da capitania do Ceará passou a se modificar a partir do ano de 1799 por meio de sua independência em relação a Pernambuco, junto a isso fatores externos como a **Guerra da Independência norte-americana fez com que o algodão ganhasse ênfase na**

pauta de exportação. E fatores internos com o declínio do charque que até então sua distribuição estava concentrada em Aracati, passando para Fortaleza o status de principal cidade cearense devido a sua condição destino dos produtos agrícolas cultivados nos municípios vizinhos.

Em relação a sua independência teve Bernardo Manuel de Vasconcelos nomeado seu primeiro governador, esse que deu início ao processo de urbanização de Fortaleza. Devemos ressaltar que nos primeiros vinte anos do século XIX estiveram presentes na capitania os engenheiros militares Francisco Xavier Torres, João da Silva Feijó e Antônio José da Silva Paulet, ficando evidente que a ocupação e elaboração cartográfica do território foi feita de forma tardia.

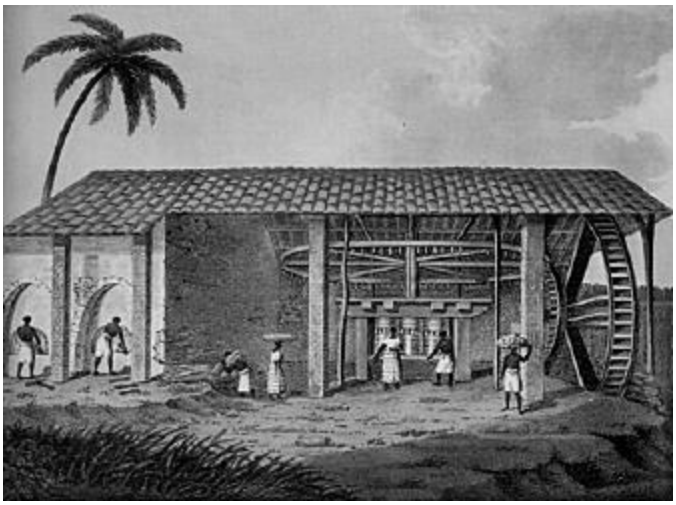
Já no ano de 1812 foi nomeado para governador do Ceará o português Manuel de Sampaio e Pina Freira, esse que veio a reunir literatos incentivando a produção das artes e projetos de Silva Paulet para a urbanização da capital. A família real portuguesa estava no país desde 1808 e isso deu início ao nosso processo de independência em 1822. Neste momento ocorreu um florescimento cultural devido aos estímulos do príncipe regente D. João VI, que trouxe ao Brasil a Missão Francesa, para retratar o nosso território através de pinturas.

11. EXERCÍCIOS

QUESTÕES COMENTADAS

1. (Upe 2014)

Observe a imagem a seguir:



(Disponível em: http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Engenho_de_acucar_1816.jpg)

Ela ilustra um engenho de açúcar, típica unidade de produção do nordeste colonial. Com base na imagem e na realidade histórica por ela ilustrada, assinale a alternativa CORRETA.

A) Esse engenho movido por força hidráulica é uma realidade do século XVIII, embora anteriormente fosse utilizada a força humana ou a força animal para fazê-lo funcionar.

B) A presença exclusiva de mão de obra escrava negra, na imagem, denota a exclusão dos indígenas como trabalhadores, escravos ou livres, da indústria açucareira.

C) Engenhos de grande porte, como o da ilustração, só foram introduzidos na América Portuguesa em meados do século XVII, pelos holandeses que ocupavam a capitania de Pernambuco.

D) A mão de obra utilizada nos engenhos, escrava ou livre, muitas vezes, era formada por trabalhadores especializados.

E) A mão de obra indígena só foi utilizada, no período colonial, em regiões como São Paulo e Rio de Janeiro, não se fazendo presente nos engenhos do nordeste colonial.

COMENTÁRIOS:

A proposição [D] está correta. O Engenho Colonial (roça, capela, casa grande, senzala, moenda etc.) pode ser comparado com uma “empresa colonial” uma vez que para produzir o açúcar eram

necessários muitos trabalhadores especializados ou não, escravos ou homens livres.

As demais alternativas estão equivocadas. Ocorreu a escravidão indígena nos engenhos no nordeste, embora menor que a escravidão negra. Os bandeirantes paulistas aprisionaram índios das missões do sul e venderam como mão de obra escrava para os engenhos coloniais do nordeste. A partir da segunda metade do século XVI foram criados engenhos de açúcar no nordeste movido a água e a tração animal.

Gabarito: D

---

2. (Upe 2010)

O trabalho cria riquezas sociais que, nem sempre, são divididas e servem para efetivar sociedades equilibradas. O uso da escravidão mostra a existência da exploração, mesmo nos tempos modernos.

A escravidão:

A) foi utilizada nas colônias europeias até o século XVIII, na agricultura, apresentando grande lucratividade nos negócios agrícolas.

B) tinha lugar no trabalho doméstico, apenas nas colônias portuguesas e inglesas, sendo ineficaz no comércio.

C) conseguiu se firmar nas colônias espanholas; sem êxitos expressivos, nas colônias inglesas, devido aos preconceitos raciais.

D) deu condições para favorecer o crescimento da burguesia, que lucrava com o comércio da época e firmava seus interesses.

E) inexistiu no trabalho, nas minas de ouro da América, sendo utilizada na agricultura latifundiária e nos serviços urbanos.

COMENTÁRIOS:

Existem interpretações diferentes acerca da escravidão. Como o enunciado não especifica um país, a questão fica muito vaga e gera confusão, principalmente porque as alternativas são genéricas.

A alternativa [A] pode ser considerada, apesar da imprecisão quanto à data, pois a escravidão existiu no século XIX, principalmente no Brasil, a maior parte do tempo já independente. Na maior parte do tempo e lugares foi utilizada na agricultura, apesar de fundamental na mineração. A banca considerou como correta a alternativa D.

Apesar das dúvidas podemos eliminar a (A) pela imprecisão temporal.

A alternativa [D] considerada correta pois o tráfico de escravos era um grande comércio colonial. Movimentava um volume enorme de dinheiro. Inclusive as grandes fortunas eram principalmente dos comerciantes de escravos. Parte da burguesia lusitana obteve grande lucro com o tráfico negreiro; aliás foi esse lucro que determinou a opção pela escravidão africana. As outras alternativas podemos eliminar pois os escravos foram usados em todos trabalhos: doméstico, lavoura e minas de ouro, e o preconceito racial foi regra em toda a américa.

Gabarito: D

---

3. (Upe 2009)

As sociedades mudam suas práticas sociais e conservam outras através da sua convivência no decorrer do tempo histórico. Na época da colonização portuguesa, havia, no Brasil, uma sociedade marcada pela escravidão e a injustiça social. Nos engenhos produtores de açúcar,

A) predominava o trabalho escravo e o poder dos proprietários, sem a interferência da religião, ausente do núcleo de dominação.

B) havia mais liberdade social do que nos centros urbanos, devido à presença de núcleos de trabalho livre em quantidade expressiva.

C) permaneciam relações de poder patriarcais na vida social, sendo a riqueza produzida importante para Portugal e sua colonização.

D) mantinham-se práticas sociais hierarquizadas para os escravos, havendo liberdade para as mulheres.

E) existia uma participação dos valores do catolicismo numa luta cotidiana contra a escravidão dominante nas relações sociais.

COMENTÁRIOS:

A sociedade colonial era religiosa, patriarcal e, no período açucareiro, polarizada entre senhores e escravos. O trabalho escravo era a base da atividade produtiva, baseada no latifúndio monocultor e exortador, responsável pelo enriquecimento da metrópole portuguesa. É importante lembrarmos que o catolicismo acompanhou todo o processo colonizador, então podemos eliminar a alternativa (A).

Durante o ciclo canavieiro em Pernambuco não havia núcleos urbanos, que só surgiriam com a mineração e aí eliminamos a (B).

Não havia liberdade feminina e a sociedade era profundamente patriarcal, e eliminamos a (D).

E a luta contra a escravidão não tomou a vida social, inclusive foi abolida tardiamente, e eliminamos a (E).

Gabarito: C

---

4. (UFPB 2012)

O Rei de Portugal, em Carta Régia datada de 1701, proibia a criação de gado em uma faixa de dez léguas a partir do litoral brasileiro. No caso da Paraíba, essa medida intensificou a ocupação do sertão e, consequentemente, o conflito com os indígenas que habitavam essa região. Considerando a ocupação do interior da Paraíba e os conflitos entre colonizadores e índios, é correto afirmar:

A) A intervenção pacificadora de Teodósio de Oliveira Ledo, conhecido defensor dos índios, foi fundamental para pôr fim a esses conflitos.

B) A falta de aliança entre as tribos locais facilitou o domínio dos colonizadores, reduzindo os conflitos a insignificantes combates.

C) A recusa dos sertanistas em participar dos conflitos com os índios da região decorre da

existência de alianças entre os dois grupos.

D) A aliança entre os Potiguara e os Tabajara, ponto central do conflito sertanejo, tornou esse dois povos os únicos resistentes à ocupação.

E) A defesa do território pelos nativos teve como destaque a aliança intertribal conhecida como Confederação dos Cariris.

COMENTÁRIOS:

Como movimento de resistência, algumas tribos indígenas da região Nordeste, formaram a Confederação dos Cariris, em 1.683, na tentativa de recuperar os vastos hectares de terra que os fazendeiros portugueses tomaram dos índios. Os indígenas ocuparam diversas regiões e chegaram a atacar cidades do interior. A grande repressão ocorreu em 1.713, com a dizimação dos povos indígenas envolvidos na insurreição. Teodósio ledo, citado na alternativa (A) era português colonizador, não defensor dos indígenas. Os indígenas organizaram-se contra os dominadores, várias tribos como potiguaras, tabajaras, e vários outros que eram todos chamados cariris.

Gabarito: E

---

5. (Ufal 2007)

Considere o texto.

O negro, a princípio tão medroso do tapuia e do mato grosso, se assenhoreou depois de algumas das florestas mais profundas do país e submeteu às suas tentativas rudes de colonização policultora, realizadas quase dentro das florestas virgens (...). O máximo de aproveitamento da vida nativa. Inclusive das palmas das palmeiras para numerosos fins, a começar pela habitação: arte em que o negro tornou-se o rival do indígena, a ponto do mucambo de palha ter se tornado tão ecológico como qualquer palhoça indígena. O exemplo de Palmares já se tornou clássico. E é tão conhecido que seria banal recordá-lo ainda uma vez. Mesmo porque não é o único na história do Nordeste.

(Gilberto Freyre. "Nordeste". Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 81)

O autor mostra como os habitantes dos quilombos do Nordeste, no período colonial, exploravam o meio ambiente. Analisando o texto, pode-se afirmar que o autor sugere que os quilombolas:

A) entraram em conflitos com os índios pela disputa por terras férteis.

B) organizaram seu modo de vida adequando-se às condições naturais.

C) destruíram as condições ambientais com a colonização policultora.

D) evitaram adentrar na floresta por medo de serem atacados por índios.

E) contribuíram, como os fazendeiros, na devastação das florestas naturais.

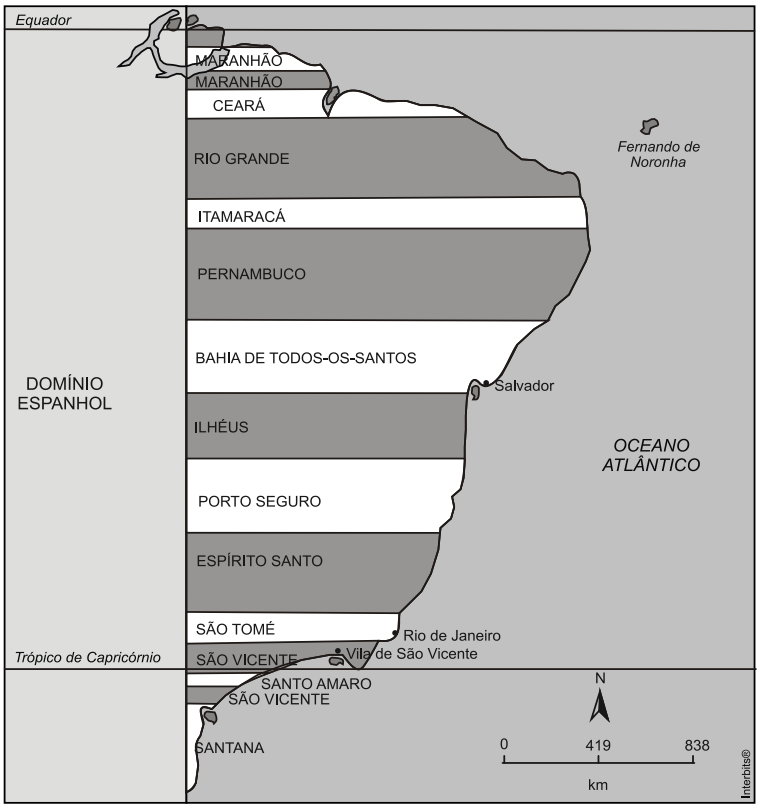
COMENTÁRIOS:

Não foram inimigos dos índios, mas assim como eles combatiam os dominadores portugueses. Formavam comunidades que reproduziam as organizações africanas e praticavam agricultura de subsistência (não policultura). Eles de acordo com o texto organizaram seu modo de vida às

condições ambientais.

Gabarito: B

6. Observe o mapa.



(Flávio de Campos e Miriam Dolhnihoff. *Atlas: História do Brasil*, 2002.)

O mapa faz alusão:

A) ao Tratado de Madri, que dividiu as terras americanas entre Portugal e Espanha, colocando fim a décadas de disputas.

B) à estratégia imaginada pelos portugueses para enfrentar o avanço dos franceses sobre suas terras na América.

C) ao Tratado de Tordesilhas e ao sistema de capitanias, doação hereditária feita pela coroa a colonos portugueses.

D) à ação de Martim Afonso de Souza, encarregado de iniciar a colonização efetiva das terras brasileiras.

E) ao sistema de sesmarias, utilizado pelos portugueses para garantir a posse da terra contra ameaças estrangeiras.

COMENTÁRIOS:

O processo de expansão marítima europeia, no decorrer do século XV, contrapôs interesses econômicos e políticos de portugueses e espanhóis. Em junho de 1494, Portugal e Espanha assinam o Tratado de Tordesilhas, a partir de um meridiano localizado a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde, demarcando as possessões portuguesas e espanholas no Novo

Mundo. O sistema de Capitanias Hereditárias foi criado em 1534 pelo rei de Portugal, D. João III, visando a colonização efetiva do território brasileiro. O tratado de Madri a que o texto se refere foi assinado em 1750 pelo marques de pombal, e estabeleceu os limites atuais do Brasil (exceto o Acre que foi incorporado em 1903). As sesmarias eram fazendas doadas pelos capitães donatários.

Gabarito: C

7.

Em 1534, a Coroa portuguesa estabeleceu o regime de capitanias hereditárias no Brasil Colônia. Entre as funções dos donatários, podemos citar:

A) a nomeação de funcionários e a representação diplomática.

B) a erradicação de epidemias e o estímulo ao crescimento demográfico.

C) a interação com os povos nativos e a repressão ao trabalho escravo.

D) a organização de entradas e bandeiras e o extermínio dos indígenas.

E) a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos.

COMENTÁRIOS:

Somente a proposição [E] está correta. Cabral chegou ao Brasil em Abril de 1500. Não encontrando riqueza fácil (metais e especiarias), o Brasil ficou em segundo plano entre 1500 até 1530. Em 1530, Portugal está diante de um dilema: colonizar ou perder o Brasil. A coroa portuguesa enviou para o Brasil Martim Afonso de Souza visando à colonização. Em 1534, o Brasil foi dividido em capitanias hereditárias, lotes de terras entre o litoral e a linha de Tordesilhas. Estas terras foram doadas aos donatários que eram nobres portugueses incumbidos de iniciar o processo de colonização. Havia dois documentos relativos as capitanias hereditárias, a “Carta de Doação” que consistia em um documento que dava direito ao donatário de explorar a sua capitania e o “Foral” que estabelecia os direitos e deveres dos donatários. Cabia aos donatários, entre outros, a fundação de vilas e cidades, a cobrança de impostos e a doação de sesmarias (para estimular o povoamento). As demais alternativas estão incorretas.

Gabarito: E

8.

Entre as causas da Criação das Capitanias Hereditárias no Brasil, podemos apontar:

A) a necessidade de apoio do governo português aos comerciantes de pau-brasil;

B) a necessidade de organizar a exploração do ouro;

C) o fracasso do governo geral;

D) o interesse de Portugal no comércio de escravos indígenas;

E) a falta de recursos do governo português que transferiu aos donatários a responsabilidade da colonização.

COMENTÁRIOS:

A coroa portuguesa sem recursos, transferiu os custos da colonização para iniciativa privada através das capitanias. O pau-brasil era armazenado em feitorias (armazéns litorâneos) e não gerou colonização e povoamento, então excluímos a alternativa (A).

O ouro só foi encontrado no século XVIII, então podemos eliminar a (B).

O governo geral foi criado para centralizar as capitanias, então eliminamos a (C).

A alternativa (D) está errada pois Portugal não estimulava a escravidão de indígenas, que também eram protegidos pelos padres jesuítas.

Gabarito: E

9.

Leia o texto.

"Nassau chegou em 1637 e partiu em 1644, deixando a marca do administrador. Seu período é o mais brilhante de presença estrangeira. Nassau renovou a administração (...) Foi relativamente tolerante com os católicos, permitindo-lhes o livre exercício do culto. Como também com os judeus (depois dele não houve a mesma tolerância, nem com os católicos e nem com os judeus - fato estranhável, pois a Companhia das Índias contava muito com eles, como acionistas ou em postos eminentes). Pensou no povo, dando-lhe diversões, melhorando as condições do porto e do núcleo urbano (...), fazendo museus de arte, parques botânicos e zoológicos, observatórios astronômicos".

(Francisco lglésias)

Esse texto refere-se:

A) à chegada e instalação dos puritanos ingleses na Nova lnglaterra, em busca de liberdade religiosa.

B) à invasão holandesa no Brasil, no período de União lbérica, e à fundação da Nova Holanda no nordeste açucareiro.

C) às invasões francesas no litoral fluminense e à instalação de uma sociedade cosmopolita no Rio de Janeiro.

D) ao domínio flamengo nas Antilhas e à criação de uma sociedade moderna, influenciada pelo Renascimento.

E) ao estabelecimento dos sefardins, expulsos na Guerra da Reconquista lbérica, nos Países Baixos e à fundação da Companhia das Índias Ocidentais.

COMENTÁRIOS:

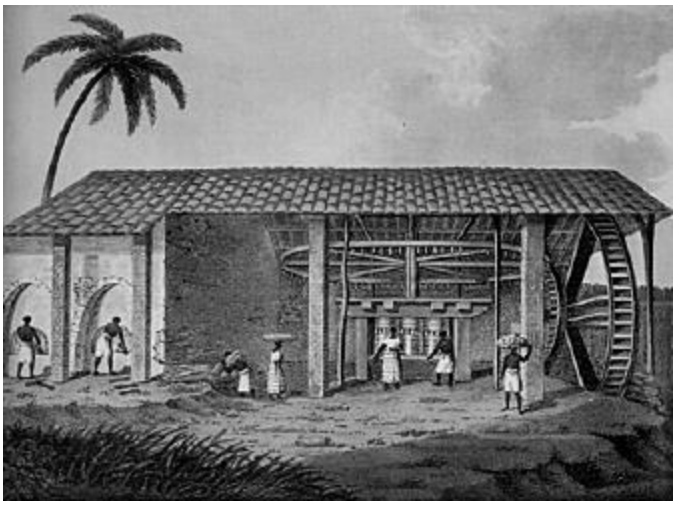
Maurício de Nassau foi o administrador holandês que fundou a colônia da Nova Holanda. Marcamos diretamente a alternativa (B). As outras alternativas estão todas muito erradas.

Gabarito: B

LISTA DE QUESTÕES

1. (Upe 2014)

Observe a imagem a seguir:



(Disponível em: http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Engenho_de_acucar_1816.jpg)

Ela ilustra um engenho de açúcar, típica unidade de produção do nordeste colonial. Com base na imagem e na realidade histórica por ela ilustrada, assinale a alternativa CORRETA.

A)Esse engenho movido por força hidráulica é uma realidade do século XVIII, embora anteriormente fosse utilizada a força humana ou a força animal para fazê-lo funcionar.

B) A presença exclusiva de mão de obra escrava negra, na imagem, denota a exclusão dos indígenas como trabalhadores, escravos ou livres, da indústria açucareira.

C) Engenhos de grande porte, como o da ilustração, só foram introduzidos na América Portuguesa em meados do século XVII, pelos holandeses que ocupavam a capitania de Pernambuco.

D) A mão de obra utilizada nos engenhos, escrava ou livre, muitas vezes, era formada por trabalhadores especializados.

E) A mão de obra indígena só foi utilizada, no período colonial, em regiões como São Paulo e Rio de Janeiro, não se fazendo presente nos engenhos do nordeste colonial.

2. (Upe 2010)

O trabalho cria riquezas sociais que, nem sempre, são divididas e servem para efetivar sociedades equilibradas. O uso da escravidão mostra a existência da exploração, mesmo nos tempos modernos. A escravidão:

A) foi utilizada nas colônias europeias até o século XVIII, na agricultura, apresentando grande lucratividade nos negócios agrícolas.

B) tinha lugar no trabalho doméstico, apenas nas colônias portuguesas e inglesas, sendo ineficaz no comércio.

C) conseguiu se firmar nas colônias espanholas; sem êxitos expressivos, nas colônias inglesas, devido aos preconceitos raciais.

D) deu condições para favorecer o crescimento da burguesia, que lucrava com o comércio da época e firmava seus interesses.

E) inexistiu no trabalho, nas minas de ouro da América, sendo utilizada na agricultura latifundiária e nos serviços urbanos.

3. (Upe 2009)

As sociedades mudam suas práticas sociais e conservam outras através da sua convivência no decorrer do tempo histórico. Na época da colonização portuguesa, havia, no Brasil, uma sociedade marcada pela escravidão e a injustiça social. Nos engenhos produtores de açúcar,

A) predominava o trabalho escravo e o poder dos proprietários, sem a interferência da religião, ausente do núcleo de dominação.

B) havia mais liberdade social do que nos centros urbanos, devido à presença de núcleos de trabalho livre em quantidade expressiva.

C) permaneciam relações de poder patriarcais na vida social, sendo a riqueza produzida importante para Portugal e sua colonização.

D) mantinham-se práticas sociais hierarquizadas para os escravos, havendo liberdade para as mulheres.

E) existia uma participação dos valores do catolicismo numa luta cotidiana contra a escravidão dominante nas relações sociais.

4. (UFPB 2012)

O Rei de Portugal, em Carta Régia datada de 1701, proibia a criação de gado em uma faixa de dez léguas a partir do litoral brasileiro. No caso da Paraíba, essa medida intensificou a ocupação do sertão e, consequentemente, o conflito com os indígenas que habitavam essa região. Considerando a ocupação do interior da Paraíba e os conflitos entre colonizadores e índios, é correto afirmar:

A) A intervenção pacificadora de Teodósio de Oliveira Ledo, conhecido defensor dos índios, foi fundamental para pôr fim a esses conflitos.

B) A falta de aliança entre as tribos locais facilitou o domínio dos colonizadores, reduzindo os conflitos a insignificantes combates.

C) A recusa dos sertanistas em participar dos conflitos com os índios da região decorre da existência de alianças entre os dois grupos.

D) A aliança entre os Potiguara e os Tabajara, ponto central do conflito sertanejo, tornou esse dois povos os únicos resistentes à ocupação.

E) A defesa do território pelos nativos teve como destaque a aliança intertribal conhecida como Confederação dos Cariris.

5. (Ufal 2007)

Considere o texto:

O negro, a princípio tão medroso do tapuia e do mato grosso, se assenhoreou depois de algumas das florestas mais profundas do país e submeteu às suas tentativas rudes de colonização policultora, realizadas quase dentro das florestas virgens (...). O máximo de aproveitamento da vida nativa. Inclusive das palmas das palmeiras para numerosos fins, a começar pela habitação: arte em que o negro tornou-se o rival do indígena, a ponto do mucambo de palha ter se tornado tão ecológico como qualquer palhoça indígena. O exemplo de Palmares já se tornou clássico. E é tão conhecido que seria banal recordá-lo ainda uma vez. Mesmo porque não é o único na história do Nordeste.

(Gilberto Freyre. "Nordeste". Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 81)

O autor mostra como os habitantes dos quilombos do Nordeste, no período colonial, exploravam o meio ambiente. Analisando o texto, pode-se afirmar que o autor sugere que os quilombolas:

A) entraram em conflitos com os índios pela disputa por terras férteis.

B) organizaram seu modo de vida adequando-se às condições naturais.

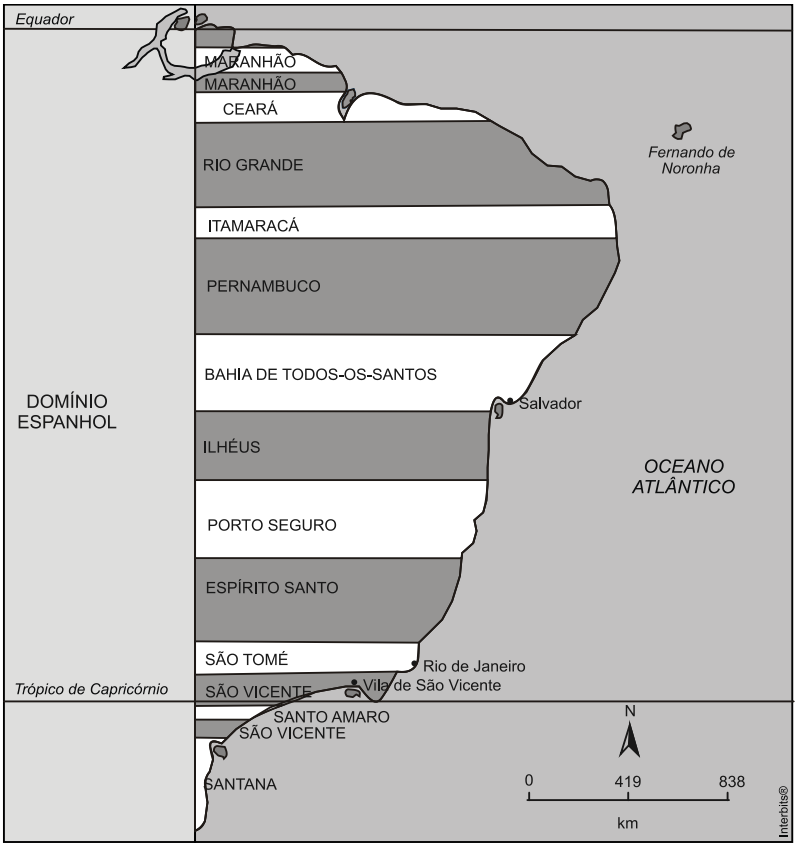
C) destruíram as condições ambientais com a colonização policultora.

D) evitaram adentrar na floresta por medo de serem atacados por índios.

E) contribuíram, como os fazendeiros, na devastação das florestas naturais.

6.

Observe o mapa:



(Flávio de Campos e Miriam Dolhnihoff. *Atlas: História do Brasil*, 2002.)

O mapa faz alusão:

A) ao Tratado de Madri, que dividiu as terras americanas entre Portugal e Espanha, colocando fim a décadas de disputas.

B) à estratégia imaginada pelos portugueses para enfrentar o avanço dos franceses sobre suas terras na América.

C) ao Tratado de Tordesilhas e ao sistema de capitanias, doação hereditária feita pela coroa a colonos portugueses.

D) à ação de Martim Afonso de Souza, encarregado de iniciar a colonização efetiva das terras brasileiras.

E) ao sistema de sesmarias, utilizado pelos portugueses para garantir a posse da terra contra ameaças estrangeiras.

7.

Em 1534, a Coroa portuguesa estabeleceu o regime de capitanias hereditárias no Brasil Colônia. Entre as funções dos donatários, podemos citar:

A) a nomeação de funcionários e a representação diplomática.

B) a erradicação de epidemias e o estímulo ao crescimento demográfico.

C) a interação com os povos nativos e a repressão ao trabalho escravo.

D) a organização de entradas e bandeiras e o extermínio dos indígenas.

E) a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos.

8.

Entre as causas da Criação das Capitanias Hereditárias no Brasil, podemos apontar:

A) a necessidade de apoio do governo português aos comerciantes de pau-brasil;

B) a necessidade de organizar a exploração do ouro;

C) o fracasso do governo geral;

D) o interesse de Portugal no comércio de escravos indígenas;

e) a falta de recursos do governo português que transferiu aos donatários a responsabilidade da colonização.

9.

Leia o texto.

"Nassau chegou em 1637 e partiu em 1644, deixando a marca do administrador. Seu período é o mais brilhante de presença estrangeira. Nassau renovou a administração (...) Foi relativamente tolerante com os católicos, permitindo-lhes o livre exercício do culto. Como também com os judeus (depois dele não houve a mesma tolerância, nem com os católicos e nem com os judeus - fato estranhável, pois a Companhia das Índias contava muito com eles, como acionistas ou em postos eminentes). Pensou no povo, dando-lhe diversões, melhorando as condições do porto e do núcleo urbano (...), fazendo museus de arte, parques botânicos e zoológicos, observatórios astronômicos".

(Francisco Iglésias)

Esse texto refere-se:

A) à chegada e instalação dos puritanos ingleses na Nova Inglaterra, em busca de liberdade religiosa.

B) à invasão holandesa no Brasil, no período de União Ibérica, e à fundação da Nova Holanda no nordeste açucareiro.

C) às invasões francesas no litoral fluminense e à instalação de uma sociedade cosmopolita no Rio de Janeiro.

D) ao domínio flamengo nas Antilhas e à criação de uma sociedade moderna, influenciada pelo Renascimento.

E) ao estabelecimento dos sefardins, expulsos na Guerra da Reconquista Ibérica, nos Países Baixos e à fundação da Companhia das Índias Ocidentais.

GABARITO

1. ALTERNATIVA D.
2. ALTERNATIVA D.
3. ALTERNATIVA C.
4. ALTERNATIVA E.
5. ALTERNATIVA B.
6. ALTERNATIVA C.
7. ALTERNATIVA E.
8. ALTERNATIVA E.
9. ALTERNATIVA B.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito bem, querido concurseiro. Se chegou até aqui é um bom sinal: o de que tentou praticar todos os exercícios. Não se esqueça da importância de ler a teoria completa e sempre consultá-la. Não se esqueça dos seus objetivos e dedique-se com toda a força para alcança-los. Sonhe alto, pois "quem sente o impulso de voar, nunca mais se contentará em rastejar". Te encontro na nossa próxima aula.

Bons estudos, um grande abraço e foco no sucesso.

Até logo...

Prof. Sérgio Henrique Lima Reis.

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1.

Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2.

Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3.

Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4.

Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5.

Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6.

Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7.

Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8.

O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.